

## O mapa da saúde

**A**s ações governamentais, em benefício da saúde pública na região amazônica, terão um poderoso aliado nos satélites do Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam). Um acordo de cooperação assinado entre as presidências do Sivam e da Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz) permitirá que imagens colhidas e transmitidas pelos satélites ajudem os pesquisadores da Fiocruz a traçar uma espécie de “mapa da saúde”. Os dados dos satélites identificarão desmatamentos, incêndios provocados ou áreas de garimpos. Estas são algumas das principais causas da rápida expansão de agentes patológicos como os da malária, febre amarela e doença de Chagas.

A principal função da Fiocruz é exatamente desenvolver programas de prevenção a surtos e epidemias. Como explicou Sérgio Luz, do Centro Regional da Fiocruz na Amazônia, quan-

do há desmatamento se expande a transmissão de doenças, pois aumenta “o fluxo migratório (de insetos transmissores) entre a floresta e o município mais próximo”.

Com a ajuda dos satélites, talvez seja possível, por exemplo, que o Brasil cumpra as determinações da Organização Mundial de Saúde (OMS) de tornar prioritário o combate à malária. Com o “mapa da saúde” será possível identificar os mais importantes focos, principalmente na Região Norte, a área mais atingida do País pela doença. No Acre, em 1999, conforme os dados da Fundação Nacional de Saúde (FNS), houve um aumento de 90,3% nos casos de malária. Para avaliar a gravidade da situação, basta lembrar que em 1998 a OMS alertou que o Brasil foi responsável por 41% dos casos de malária registrados nas Américas.

A malária apesar de estar mais concentrada em apenas nove Estados brasileiros não cessa de expandir-se. A FNS registrou em Roraima, apenas no primeiro semestre de 1999, 18.942 casos, enquanto no mesmo período de 1998 eram somente 9.343. O principal motivo dessa expansão tão rápida é a interrupção no tratamento por falta de medicamento ou de assistência médica. Tais carências ocorrem não necessariamente apenas pela falta de recursos, mas também por planejamento insuficiente.

Esse também é um problema que o “mapa da saúde” pode ajudar a superar. Para avaliar o quanto a ausência de planejamento pode ser grave, até setembro passado, nada havia sido gasto dos R\$ 8,6 milhões previstos e liberados para in-

vestimentos em áreas endêmicas de malária (pelo programa de governo Brasil em Ação) e o motivo foi a migração dos doentes.

É verdade que outros proble-

mas agravam o combate à malária – como a falha nos estoques de remédios contra a doença. Em outubro, o ministro José Serra foi obrigado a requerer suplementação orçamentária especial ao Congresso Nacional para repor estes estoques de remédios, principalmente os medicamentos contra a malária. Esse tipo de problema o “mapa da saúde” não resolve. Porém, o conhecimento das probabilidades de contaminação pode facilitar melhor distribuição orçamentária, atendendo primeiro as áreas realmente mais necessitadas.

O acordo de cooperação Sivam/Fiocruz pode ajudar a conter a expansão de outras doenças endêmicas, como a febre amarela, que ressurgiu de maneira preocupante depois de erradicada dos centros urbanos brasileiros desde os anos 40.

**Com a ajuda dos satélites, talvez o Brasil enfrente a malária com mais sucesso**